

6 • P2 • Quinta-feira 8 Dezembro 2011

# Eduardo Souto de Moura

## No escritório do arquitecto

Como é que trabalha um arquitecto? Como é que lida e resolve as encomendas e os projectos, para além daquilo que é óbvio, e que aprendeu na Escola e na vida? Uma resposta a esta pergunta pode estar nas paredes do seu local de trabalho

Sérgio C. Andrade

● O que é que há de comum entre o roupão de Mies van der Rohe e um maço de cigarros Camel (quando ainda incluíam os minaretes no imaginário árabe para que remetiam)? E entre o Pavilhão de Portugal na Exposição de Hanóver e as curvas de Madonna? Entre a estação de Metro da Trindade e uma plataforma petrolífera no mar do Norte? Entre duas mulheres de *burqa* fotografando o mundo exterior e um *slide* do Parthenon? Entre um hotel de Oscar Niemeyer

e a ruína do Mercado de Carandá, em Braga?

A resposta é que, por muito arbitrário que possa parecer, tudo isto é arquitectura. Ou, dito de outra forma: de tudo isto se faz arquitectura, essa arte que "nós queremos, pensamos e decidimos naquele momento", diz Eduardo Souto de Moura explicando a especificidade da sua profissão, da sua arte. E se os desejos, os pensamentos e as escolhas do Prémio Pritzker 2011 estão naturalmente expressos nas suas obras, nos seus livros,

nas suas entrevistas, eles estão também afixados, dependurados nas paredes e nos *placards* do seu escritório.

Foi tentar desvendar, e compreender, esse *décor* insuspeitado que aconchega o trabalho quotidiano do arquitecto o objectivo de Diogo Seixas Lopes e Philip Ursprung, Pedro Bandeira e André Tavares, autores e editores de *Eduardo Souto de Moura: Atlas de Paredes, Imagens de Método*, um livro-álbum-atlas que faz uma espécie de mapa-mundo do autor da

Casa das Artes e do Estádio de Braga. Dito de forma mais clara: os autores foram ver como é que trabalha o arquitecto, por entre a gestão diária das encomendas, das solicitações, dos projectos, das relações com os clientes, com os mestres-de-obras, com a burocracia... Entraram pelo escritório de Souto de Moura adentro e confrontaram-se (e confrontaram-no a ele) com a origem, o significado e a utilidade - quando eia existe, e ela existe sempre, mesmo quando não parece - das fotografias, dos

recortes, das frases, dos *posts* que preenchem as suas paredes.

Essa inquirição deu este livro, que a Dafne editou e que hoje vai ser apresentado em Guimarães, às 18h00, no Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura (CAAA), na presença dos autores e do arquitecto visado.

A pedido do P2, os autores legencaram algumas das imagens desse "gabinete de curiosidades" com as palavras que furtaram às explicações do próprio Souto de Moura. Eis, pois, uma visita guiada indiscreta ao seu escritório.

...anexos e os ataques contra a sua integridade têm sido uma constante, a ponto de a maioria querer desistir.

...votos das mulheres, claro que esta eleição não será válida".

Sonda crítica queri

Jornal PÚBLICO, recorte não-identificado, fotografia de Omar Sbihan/AFP



Mulheres de *burqa* tiram fotografias com telemóvel num comício

Paq. Taliba sub

● Um banido vime. terior Mehs doeni que co por ur realize secreta acredi atar

Para Souto de Moura, estas duas mulheres com o telemóvel lembram um edifício do Jean Nouvel em Paris, o Instituto do Mundo Árabe. Há uma tensão fortíssima entre a tecnologia - os diafragmas que Nouvel usa para fazer a fachada, os telemóveis com máquina fotográfica incorporada - e as mulheres ocultas pela *burqa*. O jogo de "ver sem ser visto". A imagem de uma tradição arcaica em confronto com a sofisticação do produto tecnológico. E as mulheres parecem estar a fotografar o fotógrafo que fez a fotografia.

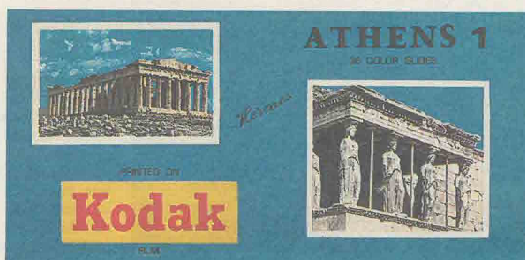


Jornal PÚBLICO 5 de Setembro de 2004, fotografia de Marcel Mochet/AFP

Souto de Moura coleciona imagens de bases petrolíferas. Uma delas inspirou a solução estrutural da estação de Metro da Trindade, no Porto. O chão estava muito comprometido, passavam infra-estruturas e o próprio túnel por baixo do lugar onde o edifício ia pousar. A opção foi desenhar um edifício pousado só em três pernas, como a plataforma em alto mar que podemos ver na imagem.

Colecção de slides de Atenas 1, Hermes, impressão Kodak, s/d

A arquitectura clássica já tem tudo a que podemos aspirar como arquitectos. São obras que não têm a obsessão de estar sempre a fazer uma coisa nova. Um templo era um templo, um anfiteatro, um anfiteatro. Uma racionalidade extraordinária no uso dos materiais, um respeito tremendo pelo lugar, as proporções muito bem ponderadas. Está lá tudo. Sem esta herança cultural, provavelmente não haveria o Estádio de Braga.

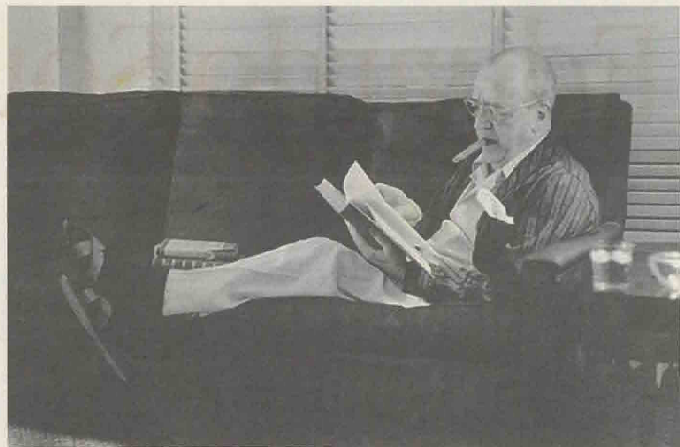


**Eduardo Souto de Moura, Conservatório de Braga, 2009, fotografia Luís Ferreira Alves**

Souto de Moura sempre teve um fascínio pela ruína, que é um tema maior e perene da arquitectura. Um dia foi preciso transformar o Mercado de Braga, uma das suas primeiras obras. O arquitecto teve então a oportunidade de realizar um segundo projecto, a partir da obra original, que, agora, seria tomada como ruína moderna: os pilares de betão demolidos faziam lembrar a "6.ª Ordem da Arquitectura" evocada por Léon Krier e citada por Souto de Moura uns anos antes no seu relatório de estágio (1980). E assim foi, por um breve tempo, a ruína assumiu-se como projecto, substituindo-se ao próprio edifício. Depois vieram uns moradores e rejeitaram a possibilidade de manter a ruína. Acabou por ter de fazer um terceiro projecto.



**Mies van der Rohe, Nova Iorque, Dezembro de 1956, fotografia de Frank Scherschel**



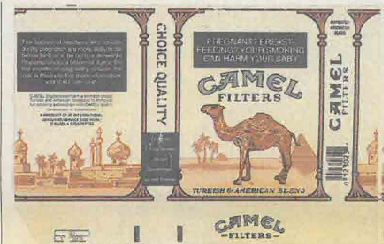
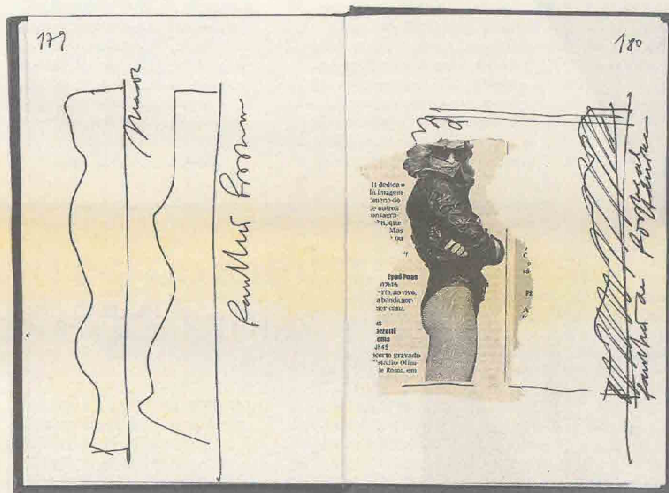
Mies Van der Rohe (1886-1969) foi um dos arquitectos que mais marcaram Souto de Moura. Ele é o máximo da radicalidade moderna conjugado com o máximo de convenção da história. E, como todas as pessoas

maravilhosas, a sua vida foi cheia de contradições. É difícil não gostar desta imagem quotidiana em que Mies está esticado de roupão e chinelos num sofá confortável, banalíssimo. Aqui devia estar a ler um livro do São

Tomás de Aquino, com as cortinas corridas e a fumar um charuto, numa informalidade que se distancia da imagem sofisticada das casas transparentes que fazia, ou do seu carácter endeuado pela história.

**Eduardo Souto de Moura, caderno de desenho**

Souto de Moura estava com Álvaro Siza a desenhar o Pavilhão de Portugal em Hamôver. Queriam desenhar um telhado curvo. Uma imagem de Madonna tornou-se providencial. Claro que a transposição desta imagem para o projecto nunca poderia ser literal, e ambos, muito provavelmente, acabariam por chegar ao mesmo desenho sem a Madonna. Mas foi a partir daqui que atalharam caminho e que resolveram um problema que eles próprios tinham criado. Não é sempre assim com a melhor arquitectura?



**Maço de cigarros Camel**

Este foi o último maço de cigarros que Souto de Moura comprou antes de passarem a ter aqueles rótulos horríveis a dizer que vamos todos morrer de cancro. Os maços Camel eram especialmente bonitos. E este do seu arquivo tinha ainda a imagem da mesquita com minarete, coisa que agora, com a higienização cultural a que fomos sujeitos após o 11 de Setembro de 2001, desapareceu. Ficou só a pirâmide.

**Oscar Niemeyer, Hotel em Brasília, 1958**

No final dos anos 70, ou início dos anos 80, Álvaro Siza perguntou a Souto de Moura por que é que ele tinha esta obra do Oscar Niemeyer na parede do seu escritório. Na altura, já ninguém parecia gostar da arquitectura moderna. A Souto de Moura interessava-lhe a radicalidade deste edifício, toda

a dimensão sem uma parede, um único volume, uma força impressionante. Interessava-lhe também, neste imaginário, o sentido de regra e de repetição, exibindo uma racionalidade simples e uma economia de meios que deveria ser expressa num momento em que Portugal tinha escassez de habitação.

**Eduardo Souto de Moura e Graça Correia, Auditório Fundação Robinson, Portalegre, 2007, fotografia Luís Ferreira Alves**

Este auditório é uma das obras mais recentes de Souto de Moura. É um volume novo na extensão de uma fábrica antiga. Assume todas as maquinarias e infra-estruturas técnicas libertando o edifício original do qual se destaca. O imaginário da máquina evoca evidentemente as gruas e silos que existiam no lugar antes da sua intervenção. O auditório faz lembrar a arquitectura construtivista soviética, mas também as fotografias do casal Berns e Hilla Becher que, durante anos, dedicou o seu trabalho ao estudo formal de diferentes tipologias de edifícios industriais.

